

***TO UN-BECOME:  
BETWEEN HISTORIC REMINDER AND HALLUCINATION,  
GEOGRAPHICAL DOCUMENT AND CHILDHOOD MEMORY,  
COLLECTIVE TRAGEDY AND PERSONAL HEALING***

***PARA SE DESFAZER:  
ENTRE LEMBRETE HISTÓRICO E ALUCINAÇÃO, DOCUMENTO  
GEOGRÁFICO E MEMÓRIA DA INFÂNCIA, TRAGÉDIA COLETIVA  
E CURA PESSOAL***

***PARA DES-CONVERTIRSE:  
ENTRE EL RECORDATORIO HISTÓRICO Y LA ALUCINACIÓN, EL  
DOCUMENTO GEOGRÁFICO Y LA MEMORIA INFANTIL, LA  
TRAGEDIA COLECTIVA Y LA CURACIÓN PERSONAL***



# ***REFLECTIONS ON MODERN SLAVERY, MIGRATIONS AND DICTATORSHIP IN MODERN LITERATURE***

Saša Rajšić<sup>1</sup>

## **Abstract:**

To Un-Become: Between Historic Reminder and Hallucination, Geographical Document and Childhood Memory, Collective Tragedy and Personal Healing is a multimedia art project, which explores the concept of un-becoming through revisiting Operation Storm in Yugoslavia and its consequences over two decades later.

My interest in the concept of un-becoming was sparked by a court case in which General Ante Gotovina, a former Croatian military officer, was found guilty of organizing and implementing a permanent and forcible removal of the Serbian people in a 1995 military action entitled Operation Storm. Not long after, Gotovina's convictions for crimes against humanity were reversed by the Appeals Chamber of the International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia. Gotovina then returned to Croatia where many considered him a national hero.

I wonder if this allowed Gotovina to successfully un-become a criminal, and also ask whether the same un-becoming process is possible for the survivors of his actions?

To research this question, in April 2017, I retraced the journey of over 650 km from my family's first refugee house in Niš, Serbia to our former home in Karlovac, Croatia. For over two weeks, dawn to dusk I walked following the same route hundreds of thousands of other people were forced to take two decades ago during Operation Storm. This experience merged the evidence of war with my own memories, both actual and constructed, creating a visual noise that became my truth during the walk.

Finally, this project serves as a humble homage to millions of current refugees whose personal and collective tragedies I do not claim to understand. The border between Serbia and Croatia is once again a place where humanity is at its darkest.

---

<sup>1</sup> 5A Dundonald Rd  
Cambridge ON, N1S 3H2  
Canada

+1.416.732.6904

[sasa@sasarajsic.com](mailto:sasa@sasarajsic.com)  
[www.sasarajsic.com](http://www.sasarajsic.com)

Proposed Art Work: *To Un-Become: Between Historic Reminder and Hallucination, Geographical Document and Childhood Memory, Collective Tragedy and Personal Healing*

Cover Photo by Vitalis Neufeld for *To Un-Become*  
<https://www.sasarajsic.com/to-un-become>

**Revista Communitas V2, N4 (Jul/Dez – 2018): Reflexões sobre escravidão moderna, migrações e ditaduras na literatura contemporânea**

Thousands of current refugees are denied entry to Croatia and therefore the European Union and are in temporary refugee camps in Serbia. Some of them are living alongside long-uprooted Serbian refugees facing over twenty years in exile. The destinies of both refugee groups are forever soldered together. The destinies of their oppressors, however, wander between war criminals and national heroes.

## **REFLEXÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO MODERNA, MIGRAÇÕES E DITADURA NA LITERATURA MODERNA**

### **Resumo:**

Para se desfazer: Entre Lembrete Histórico e Alucinação, Documento Geográfico e Memória da Infância, Tragédia Coletiva e Cura Pessoal é um projeto de arte multimídia, que explora o conceito de não-devir ao revisitar a Operação Tempestade na Iugoslávia e suas consequências mais de duas décadas depois.

Meu interesse pelo conceito de não-viragem foi desencadeado por um processo no qual o general Ante Gotovina, um ex-oficial militar croata, foi condenado por organizar e implementar uma remoção permanente e forçada do povo sérvio em uma ação militar de 1995 intitulada Operação Tempestade. Não muito tempo depois, as condenações de Gotovina por crimes contra a humanidade foram revertidas pela Câmara de Apelações do Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia. Gotovina então retornou à Croácia, onde muitos o consideravam um herói nacional.

Eu me pergunto se isso permitiu que Gotovina conseguisse se tornar um criminoso, e também pergunto se o mesmo processo de não-transformação é possível para os sobreviventes de suas ações.

Para pesquisar essa questão, em abril de 2017, refiz o percurso de mais de 650 km da primeira casa de refugiados da minha família em Niš, na Sérvia, até nossa antiga casa em Karlovac, na Croácia. Por mais de duas semanas, do amanhecer ao anoitecer, eu caminhei seguindo a mesma rota que centenas de milhares de outras pessoas foram forçadas a tomar duas décadas atrás durante a Operação Tempestade. Essa experiência fundiu a evidência da guerra com minhas próprias memórias, reais e construídas, criando um ruído visual que se tornou minha verdade durante a caminhada.

Finalmente, este projeto serve como uma humilde homenagem a milhões de refugiados atuais, cujas tragédias pessoais e coletivas eu não pretendo entender. A fronteira entre a Sérvia e a Croácia é mais uma vez um lugar onde a humanidade está mais sombria.

Milhares de refugiados atuais são impedidos de entrar na Croácia e, portanto, na União Europeia, e estão em campos de refugiados temporários na Sérvia. Alguns deles estão vivendo ao lado de refugiados sérvios há muito tempo desenraizados que enfrentam mais de vinte anos no exílio. Os destinos de ambos os grupos de refugiados são soldados para sempre juntos. Os destinos de seus opressores, no entanto, vagam entre criminosos de guerra e heróis nacionais.

## **REFLEXIONES SOBRE LA ESCLAVITUD MODERNA, LAS MIGRACIONES Y LA DICTADURA EN LA LITERATURA MODERNA**

### **Resumen:**

Para des-convertirse: entre el recordatorio histórico y la alucinación, el documento geográfico y la memoria infantil, la tragedia colectiva y la curación personal es un proyecto de arte multimedia, que explora el concepto de no convertirse a través de la Operación Tormenta en Yugoslavia y sus consecuencias durante las dos décadas posteriores.

Mi interés en el concepto de no afianzarme fue provocado por un caso judicial en el que el General Ante Gotovina, un ex oficial militar croata, fue declarado culpable de organizar e implementar una remoción permanente y forzada del pueblo serbio en una acción militar de 1995 titulada Operación Tormenta. Poco tiempo después, la Sala de Apelaciones del Tribunal Penal Internacional para la ex Yugoslavia revocó las condenas de Gotovina por crímenes de lesa humanidad. Gotovina luego regresó a Croacia, donde muchos lo consideraban un héroe nacional.

Me pregunto si esto le permitió a Gotovina deshacerse exitosamente de ser un criminal, y también preguntar si es posible el mismo proceso de no convertirse para los sobrevivientes de sus acciones.

Para investigar esta pregunta, en abril de 2017, volví sobre el viaje de más de 650 km desde la primera casa de refugiados de mi familia en Niš, Serbia, hasta nuestra antigua casa en Karlovac, Croacia. Durante más de dos semanas, de madrugada a anochecer, caminé siguiendo la misma ruta que cientos de miles de personas se vieron obligadas a tomar hace dos décadas durante la Operación Tormenta. Esta experiencia combinó la evidencia de la guerra con mis propios recuerdos, tanto reales como contruados, creando un ruido visual que se convirtió en mi verdad durante la caminata.

Finalmente, este proyecto sirve como un humilde homenaje a millones de refugiados actuales cuyas tragedias personales y colectivas no pretendo entender. La frontera entre Serbia y Croacia es una vez más un lugar donde la humanidad está en su punto más oscuro.

A miles de refugiados actuales se les niega la entrada a Croacia y, por lo tanto, a la Unión Europea y se encuentran en campos de refugiados temporales en Serbia. Algunos de ellos viven junto a refugiados serbios desarraigados que enfrentan más de veinte años en el exilio. Los destinos de ambos grupos de refugiados están siempre unidos. Sin embargo, los destinos de sus opresores vagan entre criminales de guerra y héroes nacionales.

## **Bio:**

Saša Rajšić is an artist and founder of the To Un-Become project. This project, like most of Rajšić's practice, is grounded in his interest in peace, human nature, and cultural differences.

Rajšić earned his BFA from OCAD University in 2011. Upon graduation, he received the Mudge Massey Traveling Award that enabled him to enroll in MA Studies in Live Art and Performance Studies at the University of the Arts Helsinki. He received the Jacques Dagenais Science in Culture Award in 2010 and Performance Studies International Enrichment Award in 2012.

Recently, Rajšić presented his work at the Annual Meeting on Law and Society in Toronto and the International Association for the Study of Forced Migration in Thessaloniki, both in 2018. He is a member of Displaces Peoples, a collaborative research network of the Law and Society Association. His work has been exhibited in

Scotland, Italy, Sweden, Finland, Serbia, Germany, Greece, UK, Palestine, USA, and Canada, where he currently lives and works.

### **Biografia:**

Saša Rajšić é artista e fundador do projeto To Un-Become. Este projeto, como a maior parte da prática de Rajšić, baseia-se em seu interesse pela paz, natureza humana e diferenças culturais.

Rajšić ganhou seu BFA da OCAD University em 2011. Após a formatura, ele recebeu o prêmio Mudge Massey Travelling, que lhe permitiu se matricular em estudos de mestrado em arte ao vivo e estudos de desempenho na Universidade de Artes de Helsinque. Ele recebeu o Prêmio de Ciência em Cultura Jacques Dagenais em 2010 e Prêmio de Enriquecimento Internacional de Estudos de Performance em 2012.

Recentemente, Rajšić apresentou seu trabalho na Reunião Anual sobre Lei e Sociedade em Toronto e na Associação Internacional para o Estudo da Migração Forçada em Salônica, ambos em 2018. Ele é membro da Displaces Peoples, uma rede de pesquisa colaborativa da Lei e Sociedade. Associação. Seu trabalho foi exibido na Escócia, Itália, Suécia, Finlândia, Sérvia, Alemanha, Grécia, Reino Unido, Palestina, EUA e Canadá, onde atualmente vive e trabalha.

### **Biografía:**

Saša Rajšić es un artista y fundador del proyecto To Un-Become. Este proyecto, como la mayoría de las prácticas de Rajšić, se basa en su interés por la paz, la naturaleza humana y las diferencias culturales.

Rajšić obtuvo su BFA de la Universidad OCAD en 2011. Después de graduarse, recibió el Premio de viaje Mudge Massey que le permitió inscribirse en estudios de maestría en arte en vivo y estudios de performance en la Universidad de las Artes de Helsinki. Recibió el Premio Jacques Dagenais de Ciencia en la Cultura en 2010 y el Premio Internacional de Estudios de Rendimiento en 2012.

Recientemente, Rajšić presentó su trabajo en la Reunión Anual de Derecho y Sociedad en Toronto y en la Asociación Internacional para el Estudio de la Migración Forzada en Salónica, ambas en 2018. Es miembro de Desplazar a los Pueblos, una red de investigación colaborativa del Derecho y la Sociedad. Asociación. Su trabajo se ha exhibido en Escocia, Italia, Suecia, Finlandia, Serbia, Alemania, Grecia, Reino Unido, Palestina, Estados Unidos y Canadá, donde vive y trabaja actualmente.



My mother found me in my bed, crying, with a pillow over my face, one year after we moved into our refugee apartment in Niš. She sat next to me, hugged me, and asked my why I was crying.

“I can’t tell you,” I replied.

I don’t remember exactly, but knowing my mother, she must have been crying together with me. When I finally had gathered my courage, with tears in my eyes, I said that I had lost something.

“What did you lose,” she asked.

“I can’t tell you,” I repeated.

“Can you at least tell me the first letter?”

“C,” I replied inaudibly.

“Second?”

“H.”

“Third?”

“I.”

Letter by letter, I sobbed the word “childhood.”

“It is still on the bench in front of our house.”

I was eight years old.



The Serbian Red Cross was helping refugees. Most often, help was in the form of non-perishable food. We received flour packed in sacks bigger than my seven-year-old body.

The Red Cross office was downtown, and we had to take the bus to bring our flour home. The Red Cross symbol on the sack let other passengers know that we were refugees.

I was ashamed of it.

I was afraid of it.

Other children bullied me daily. They would tell me that I was Ustaša and that I should go back to where I came from. I did not know what it meant to be Ustaša. Adults used that word when spoke about the war, and that could not be good.

Ustaša was not good.

Ustaša was me.

A few months in a row, we only received flour. Our apartment was filled with it. There was so much flour, we spread it across the apartment by walking--by living. A white circle formed where my mother would bend over to scoop flour from the sack into a plastic bowl.

I found her there, once, in that circle, crying with a plastic bowl of flour in her arms.



For weeks we were hiding in an underground shelter. It was a dark, unfinished room, that I was afraid to enter. This is where my grandmother kept our winter food including her homemade šljiva (plum) jam. When she made it, she would give each kid a spoonful of boiling jam. It burned our tongues for days. We hid here with a neighboring Croatian family during the siege of Karlovac.

Karlovac was unclaimed.

Serbian or Croatian soldiers could take over the city and enter our shelter at any time. My father and our Croatian neighbor came up with a plan. I remember hearing them talking. If Croatian soldiers came in, our neighbor would speak up and claim we are all one Croatian family. If Serbian soldiers were to come in, my dad would do the same.

I sat in the dark thinking about my grandmother's jam and how šljiva sounds the same in both Croatian and Serbian.



